



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

José Jacinto do Nascimento Neto

O NEGRO E O RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA ATUAL: oficinas no
Estágio Supervisionado em História

Guarabira - PB

2015

José Jacinto do Nascimento Neto

**O NEGRO E O RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA ATUAL: Oficinas no
Estágio Supervisionado em História**

Relatório de Estágio apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para obtenção de título graduado no curso de Licenciatura Plena em História da universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof.^a Ma. Luciana Calissi.

Guarabira - PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244n Nascimento Neto, José Jacinto do
O negro e o racismo na sociedade brasileira atual [manuscrito]
: oficinas no estágio supervisionado em História. / José Jacinto do
Nascimento Neto. - 2015.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Profa. Ms. Luciana Calissi, Departamento de
História".

1. Negro. 2. Racismo. 3. Educação. I. Título.

21. ed. CDD 320.56

José Jacinto do Nascimento Neto

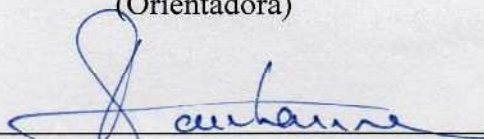
**O NEGRO E O RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA ATUAL: Oficinas no
Estágio Supervisionado em História**

Aprovado em 17 / 06 / 2015



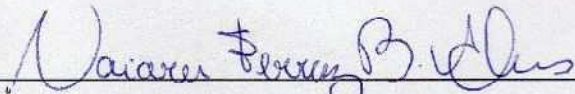
Ma. Luciana Calissi

(Orientadora)



Dr. Flávio Carreiro, de Santana

(Examinador)



Ma. Naira Ferraz Bandeira Alves

(Examinadora)

GUARABIRA-PB

2015

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	05
2. RELEVÂNCIA DO TEMA: POR QUE É IMPORTANTE TRABALHAR O RACISMO E O NEGRO NAS AULAS DE HISTÓRIA?	07
3. REFERÊNCIAS TEÓRICAS	09
3.1. O Negro, o racismo e a sociedade brasileira atual	09
3.2. Oficinas pedagógicas como metodologia	12
4. RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO: RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA ..	14
4.1. Apresentação do campo de estágio	14
4.2. Proposta ou Planejamento da oficina	15
4.3. Desenvolvimento das oficinas	18
4.4. Avaliação da experiência	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6. REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje observamos nos meios de comunicação de massa, constantes notícias sobre atitudes de discriminação racial e racismo. Os negros em nossa sociedade têm sido alvo constante de preconceitos e discriminações, velados ou explícitos, porém essa mentalidade é algo histórico e presente no cotidiano do Brasil e na escola, e opera na manutenção das desigualdades raciais no Brasil.

O número de casos de racismo no Brasil é crescente¹ e essa prática nefasta opera na destruição da autoestima do sujeito negro. Além disto, o preconceito racial e o racismo atentam contra a cidadania do sujeito e a dignidade da pessoa humana, direitos estes que são facultados a todos os cidadãos brasileiros pela constituição federal. Atualmente se tenta combater de forma efetiva esse tipo de discriminação. Ações afirmativas, leis que punem quem pratica tal ato, e atividades na área da educação são exemplos desse processo.

Assim, numa sociedade marcada pelo preconceito racial e pelas práticas desumanas do racismo, torna-se imperioso, cada vez mais, uma atitude por parte do sistema educacional – também os profissionais da História – em combater tal situação. No sentido de contribuir com a desconstrução dessa mentalidade que confere um lugar de não humanidade ou de inferioridade aos negros, é que o trabalho aqui relatado foi proposto para o desenvolvimento de meu Estágio Supervisionado em História.

O Estágio Supervisionado foi realizado no terceiro do ensino médio da EJA no período de Junho de 2014 (dois mil e quatorze), no turno da noite na Escola Estadual Monsenhor Emiliano de Cristo situado no bairro do nordeste na cidade de Guarabira – PB. Foi operado sob a supervisão do prof. Flávio Carreiro de Santana. Cabe destacar que se trata de um estágio realizado em grupo que se compôs de mais quatro integrantes.

Procurei discutir, no referido estágio, sobre o processo histórico de discriminação contra os negros e sobre os mecanismos que a sociedade e a educação podem utilizar para combater o racismo e “pagar a dívida” que se tem com

¹ Dados sobre os índices de desigualdade racial no Brasil: <http://pt.slideshare.net/guesta7e113/dados-sobre-as-desigualdades-raciais-no-brasil-site-mundo-negro>

os negros de nossa sociedade. Minha experiência de estágio foi desenvolvida através de oficina no estilo de aulas temáticas cujo tema, “O racismo e o negro na sociedade brasileira atual”, foi escolhido a partir da observação/percepção do campo de estágio – alunos -, e da problematização acima referida. Para o desenvolvimento desta oficina me baseei em uma pesquisa que havia feito a respeito do tema a qual gerou um artigo no ano de 2014². Este artigo trata do processo histórico do negro na sociedade brasileira, suas contribuições para o desenvolvimento do Brasil e ainda sobre o processo histórico do racismo, como e porque surgiu, suas intenções e repercussões na sociedade brasileira.

Ao tratar deste tema com os educandos o revesti de uma perspectiva histórica e de um olhar problematizador e, deste modo, objetivei levar os alunos a se posicionarem acerca desse mal social dos nossos tempos que atende pelo nome de racismo, potencializado pelo preconceito, pelo desconhecimento da História.

Optei por descrever essa experiência de estágio, porque foi uma experiência rica para minha formação, onde pude confrontar a teoria e a prática, pois é no estágio que temos contato com a realidade da vida docente. Essa experiência é de suma importância, pois todo esse conhecimento adquirido influenciará na construção da própria identidade profissional.

Este trabalho se divide da seguinte forma: no tópico “A relevância do tema”, aponto, a partir de minhas leituras, para a necessidade urgente de se trabalhar o tema racismo quando cito os crescentes casos do mesmo, evidente nos estádios de futebol, revelando o desrespeito, a intolerância e o preconceito racial de um povo que deveria ter os negros na mais alta conta, posto que o Brasil é um país que guarda relações profundamente intrínsecas com eles e com a África, evidenciando uma incoerência com a própria história do Brasil. Neste mesmo tópico destaco os danos que os negros sofreram e sofrem historicamente na nossa sociedade, com a exclusão social dos mesmos.

Sigo indicando minhas referências teóricas quanto ao racismo a metodologia de oficinas. No primeiro apresento os autores que li e discutem a questão do negro e do racismo que intitula o referido relatório de estágio. Nesta parte, faço citações a

² Artigo de minha autoria produzido a partir de leituras realizadas na disciplina sobre África, ministrada pelo professor Waldeci Chagas, e outras leituras complementares. Intitula-se: “O racismo como construção histórica na sociedade brasileira”.

partir de referências bibliográficas que tratam da questão racial e dos negros, conjuntamente às minhas problematizações levantadas.

Chamo a atenção para a seguinte constatação; de fato, a sociedade não acolheu os negros libertos e, em verdade, não os acolhe até hoje, pois não foram inseridos no sistema social, não lhes sendo oferecida a menor oportunidade de emprego, de trabalho, de educação, de participarem do poder político, enfim, foi-lhes negada a cidadania plena. Colocada esta problemática, passei para outra abordagem teórica, a saber, “oficinas pedagógicas como metodologia”, onde contei com texto de Vera Maria Candau, *Oficinas aprendendo e ensinando direitos humanos*, fazendo, assim, uma implicação dos direitos humanos com o racismo.

Em seguida, relato minha experiência de oficina, destacando sua concepção e desenvolvimento, apontando uma avaliação acerca da mesma. Destaco as minhas impressões acerca de todo o processo no estágio na interação com os alunos, onde referencio, com maior relevo, a forma com que os alunos reagiram à temática exposta. Encerro fazendo uma reflexão sobre minha experiência no estágio e da importância deste e do tema para a minha formação enquanto professor.

2. RELEVÂNCIA DO TEMA: POR QUE É IMPORTANTE TRABALHAR O RACISMO E O NEGRO NAS AULAS DE HISTÓRIA?

Não é de hoje que a sociedade brasileira tem sido palco de manifestações racistas as mais diversas, veladas ou expostas publicamente, direta ou indiretamente. Nos últimos anos essa prática tem ganhado grande repercussão na mídia, sobretudo nos estádios de futebol, revelando o desrespeito, a intolerância e o preconceito racial de um povo que deveria ter os negros na mais alta conta, posto que o Brasil é um país que guarda relações profundamente intrínsecas com eles e com a África. É, com efeito, uma grande contradição essa prática no Brasil. Só para citar alguns exemplos destaco o fato de que uma parte significativa dos bens culturais produzidos no Brasil tem origem africana, devido à miscigenação racial.

O fato é que o racismo no Brasil é um mal social que opera na manutenção das desigualdades raciais e sociais. O racismo no Brasil, historicamente, tem colocado os negros discriminados em uma situação de desvantagem no acesso a

bens e benefícios gerados pelo Estado, suas instituições e organizações, constituindo assim aquilo que os especialistas chamam de racismo institucional.

O exemplo do racismo nos estádios de futebol é apenas o reflexo daquilo que ocorre largamente ao redor do Brasil e do mundo. Segundo o jornal **Gazeta do Povo**, na edição de 14 de junho de 2014, página 08; já no primeiro jogo da Copa do Mundo, entre Brasil e Croácia, o racismo mostrou sua face mais horrível. Após o lateral esquerdo Marcelo, do Real Madrid, ter marcado gol contra, aos 11 minutos do primeiro tempo da partida, vários internautas postaram comentários no Twitter, fazendo referência à cor da pele do jogador carioca. “Primeiro gol da Copa é do Brasil mas o ponto vai para a Croácia, tinha que ser preto só faz ‘pretice’, escreveu uma certa Débora”, em sua mensagem, que não foi a única, segundo reportagem publicada pelo site do jornal **O Estado de São Paulo**, página 03; O jornal **A Tarde**, de Salvador, p. 10. Também reproduziu vários posts no mesmo tom, ligando o erro ao fato de o jogador ser negro.

Fora dos estádios de futebol, há diversos casos, inclusive recentes, de racismo relatados pela mídia que só evidenciam o fato de que no Brasil as situações de discriminação em relação aos negros têm tido um aumento crucial. As evidências são recorrentes. Um dos casos mais recentes foi a situação pela qual passou o editor Jonathan Duran, 42 anos, em março de 2015, em frente a uma loja na rua Oscar Freire, em São Paulo que repercutiu nas redes sociais e voltou a acender o debate sobre a discriminação racial no país. No relato na internet, ele acusa a vendedora de uma loja de ser racista com o filho, uma criança negra de 8 anos, ao tentar expulsar o garoto da frente do local, após confundir-lo com um ambulante. Todos os telejornais repercutiram o caso. Para especialistas ouvidos pelas reportagens, a história evidencia um preconceito enraizado no Brasil e ressalta a importância de se denunciar e expor os casos.

Em meio a esse cenário histórico de discriminação racial e racismo no Brasil, onde a condição de ser humano é negada a um povo tão importante na construção e na cultura do nosso país, o racismo, que é um verdadeiro crime contra a humanidade, precisa ser desconstruído e para tanto só a educação pode cumprir esse papel. O ensino da História e relações étnico-raciais possibilita uma educação que valorize sua importância na construção social, no contexto do Brasil, sua importância na construção dos bens materiais e culturais no país e ainda a força e sua resistência ao longo da História em relação a condição de escravizado. A

educação, com efeito, permite apresentar outras interpretações de fatos que possibilitam conhecer relatos que mostrem a face dos excluídos as quais grande parte dos livros didáticos não trazem, pois alguns deles são eurocêntricos em suas abordagens e relegam um lugar muito pequeno a História da África e dos negros. Além disto, o ensino da História e relações étnico-raciais no Brasil possibilita a compreensão daquilo que constitui o Brasil na sua essência, posto que, o Brasil guarda profundas relações identitárias com a África na cultura, no modo de pensar, no vocabulário, na culinária, dentre outras.

Diante do exposto, que tomei como poucos exemplos de recorrentes casos de discriminação no Brasil, julguei imperioso trabalhar esse tema que tem sido gerador de tantos debates e inquietações por parte da sociedade civil organizada, de instituições e da mídia. Deveras, o racismo no Brasil urge debates e discussões para a solução desse mal social que é histórico no Brasil e precisa ser combatido. Neste sentido, e a partir da observação deste tipo de comportamento dos alunos de onde estagiei, desenvolvi as oficinas sob esta perspectiva.

3. REFERÊNCIAS TEÓRICAS

3.1. O negro, o racismo e a sociedade brasileira atual

Para entendermos melhor a situação do negro na sociedade contemporânea, observamos a história da exclusão dos mesmos, e a sua inegável participação na construção e no desenvolvimento da sociedade brasileira.

No período colonial e imperial da história do Brasil, o negro exercia o papel de escravo, um trabalho que castigava a condição de vida humana. A situação da escravidão no Brasil começou a mudar a partir de 1850 com a lei nº581, conhecida como lei Eusébio de Queirós, que proibiu o tráfico negreiro para o país.

Os negros começaram a ter suas conquistas maiores em 1871 quando é aprovado a lei do ventre livre, que considerava livre todo escravo nascido a partir daquela lei, e em 1885 a lei do sexagenário, que libertava todos os escravos acima de 65 anos. Essa evolução na lei em benefício aos escravos culminou com a assinatura da lei áurea em 1888, libertando de vez os negros da escravidão no Brasil.

Todavia, apesar de se tornarem libertos a partir de 1888, os negros não ficaram livres da discriminação racial e foram inseridos em outro tipo de cativeiro, a

saber, “a escravidão social”. Com efeito, foi-lhes negado, até a presente quadra, os direitos mais básicos de participarem, de forma equânime em relação aos brancos, da vida social. Isto posto, é perceptível e inquestionável a desigualdade que, deveras, pende mais para o lado dos negros. De fato, a sociedade não acolheu os negros libertos e, em verdade, não os acolhe até hoje. Eles – os negros – não foram inseridos no sistema social, não lhes sendo oferecido as mesmas oportunidades de emprego, trabalho, educação, de participarem do poder político, enfim, foi-lhes negada a cidadania plena. Tal realidade é, sem dúvidas, um contrassenso, pois como pode os negros que serviram tanto outrora para o desenvolvimento do Brasil, em importantes ciclos econômicos da nossa história, agora não terem aptidão física e intelectual para continuarem a trabalhar, mas agora, com o único e determinante detalhe de serem remunerados? O fato é que a mesma sociedade que aderiu - parte dela por conveniência – ao movimento abolicionista, depois negou aos negros a condição de serem cidadãos, seres humanos como outros quaisquer, medindo-os pela cor da sua pele.

Contraditoriamente, a sociedade que foi as ruas e saudou com entusiasmo a abolição não sentiu o mesmo entusiasmo com a participação dos libertos e seus descendentes como novos participantes do mercado de trabalho e em outros setores.
(CERRI (org.), SILVA, 2007)

Essa situação de rejeição por parte da sociedade com relação ao negro se estendeu ao longo da História do Brasil, chegando até os dias atuais, onde ainda, infelizmente, somos expectadores de cenas de discriminação racial contra um povo que contribuiu para a formação da nossa sociedade e deixou heranças consideráveis para nossa cultura.

A comida que está em nossa mesa todos os dias e que encanta os estrangeiros que vêm ao Brasil é composta por muitas contribuições dos povos africanos e seus descendentes [...] Assim por exemplo, o cuscuz, que comemos todos os dias é uma herança dos povos islamizados da África. (BENJAMIN, Roberto, 2004).

Atualmente através da lei e das ações afirmativas se tenta reparar esse erro de exclusão dos negros no mercado de trabalho e na sociedade. A constituição de 1988 coloca o racismo como crime inafiançável em uma forma de combater essa

prática no meio da nossa sociedade. “- a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei; Art. 5 XLII.” (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988).

Apesar da lei ainda são constatados diversas práticas racistas em nossa sociedade, não só direta como indiretamente. É o caso da mídia, que frequentemente multiplica e reafirma o preconceito ao internalizando-o por meio de propagandas e novelas que conferem um lugar de inferioridade aos negros nas suas cenas. Não raramente essa mesma mídia noticia casos absurdos de racismo e preconceito nos mais variados meios da sociedade.

Há que se ressaltar a urgente necessidade da educação - sobretudo no que concerne a disciplina História – em trabalhar as questões étnico-raciais com mais profundidade, destacando a importância da África e dos negros, sua história de resistência e a importância da sua contribuição para a formação cultural, econômica e social do Brasil, pois a historiografia brasileira tem relegado um lugar menos importante ao negro na sua abordagem. Com efeito, os livros didáticos sempre primaram pelo eurocentrismo, dando maior destaque e importância a um estudo onde a Europa é o centro das atenções, ao passo que a África e aos negros cabe uma abordagem restrita a um lugar de subserviência, de castigos, enfim a todo o aparato da escravidão dos negros, a tudo aquilo que evoca no inconsciente coletivo a sua condição de não humanidade.

Ao longo da História foram muitos os fluxos migratórios que se dirigiam ao Brasil, cada um desses grupos imprimindo uma contribuição própria para o quadro social, econômico e cultural do país. Não obstante, a historiografia nacional tem sido falha em destacar de forma igualitária tais aportes. Dessa forma, o que se verifica é um grande número de trabalhos enfatizando a contribuição positiva da imigração europeia na formação do Brasil, em oposição a uma quase ausência de análises semelhantes a uma diáspora africana. Se, por um lado, a presença do negro no Brasil é analisado do ponto de vista do sistema escravocrata - com destaque para a submissão do negro - , ainda são poucos os estudos que discutem a importância da presença africana para o bem estar econômico da população brasileira em geral. (VISENTINI, Paulo Fagundes, RIBEIRO, Luís Dario Teixeira e PEREIRA, Analúcia Danilevicz, 2013).

Assim, faz-se importante esta discussão em sala de aula com os alunos. As oficinas foram, portanto, uma oportunidade para que a aula de História contribuísse

com o desenvolvimento de abordagens mais amplas sobre os negros e seus descendentes em nossa História.

3.2. Oficinas pedagógicas como metodologia

As oficinas pedagógicas são de fundamental importância no processo educativo, sobretudo quando se destinam a incentivar o exercício da cidadania visando a valorização dos direitos humanos numa sociedade marcada pelas injustiças sociais que perpassam pela negligência aos direitos mais básicos dos cidadãos, mormente quando se refere àqueles que, historicamente, foram marginalizados pelo sistema, como é o caso dos negros no Brasil. O racismo opera na manutenção dessas injustiças e precisa ser combatido. Com efeito, essas injustiças sociais foram o combustível que alimentou a necessidade de se corroborar a educação em direitos humanos.

As organizações e movimentos, além de denunciar as violações aos direitos humanos, promover ações visando a sua proteção e defesa expandiram o horizonte de suas inquietações e o espaço social de sua atuação. Paralelamente aos problemas que podemos considerar como tradicionais e básicos, vinculados aos direitos civis e políticos, começa a partir da década de oitenta, a se priorizarem as questões vinculadas aos direitos sociais, econômicos e culturais, nos níveis pessoal e coletivo. Desde então, adquirem especial relevância as atividades de promoção e educação em direitos humanos. (CANDAUI, Vera Maria, 1999)

A importância de se trabalhar as oficinas implica na carência da sociedade em criar indivíduos comprometidos com o fortalecimento dos direitos humanos. De fato, aqueles que trabalham nesse campo apontam para a necessidade de fazer uma educação que opere no cotidiano das pessoas, onde se possa analisar suas experiências, aspirações, necessidades e inquietações. Nisto se inscreve o exercício da cidadania na busca pelos direitos humanos que perpassa pelo campo da educação; assim sugere a democracia.

Podemos afirmar que os grupos que trabalham neste campo baseiam-se na convicção profunda e militante de que é necessário

construir uma cultura dos direitos humanos a partir do cotidiano, influenciando profundamente nas mentalidades e gerando novas práticas sociais; para isso é fundamental o papel da educação. Formar para a cidadania e para a democracia é um objetivo irrenunciável das diferentes práticas educativas, no âmbito formal e não formal, e passa necessariamente pela afirmação teórico-prática dos direitos humanos.

(CANDAU, Vera Maria, 1999)

Talvez o aspecto mais importante das oficinas seja o fato de que ela é uma proposta educativa que opera diretamente no cotidiano dos sujeitos, buscando inseri-los no centro do processo educativo. O fato de estarem no centro desse processo permiti-lhes atuarem como agentes transformadores da sua realidade social, como sujeitos críticos e conscientes daquilo que acontece à sua volta.

Na nossa proposta a vida cotidiana é considerada uma referência permanente para a ação educativa. Para transformar a realidade se faz necessário trabalhar o cotidiano em toda a sua complexidade. Criamos e recriamos continuamente nossa existência no tecido diário de relações, emoções, perguntas, produção de conhecimentos e produção de sentidos. (CANDAU, Vera Maria, 1999)

Situar os sujeitos em uma perspectiva crítica da sociedade, estimulando neles a capacidade de se indignar com as injustiças sociais, é um fator emergente para a ação educativa, haja vista o fato de que se tem percebido um verdadeiro divórcio da educação tradicional com as problemáticas e conflitos que se multiplicam no âmbito social. À medida que a educação assume um lugar de passividade em relação a tais problemáticas, os sujeitos também vão se tornando indiferentes a toda e qualquer violação aos direitos humanos, reputando-os normais ou naturais e é aí que entra a importância das oficinas.

O cotidiano educacional se transforma num mundo auto referido, que ignora o cotidiano social. Em muitas ocasiões, sequer existe um espaço para que os diferentes sujeitos possam expressar e refletir sobre a estruturação do seu dia a dia, de suas famílias e comunidades. As práticas educativas e a vida parecem ser dois mundos que se ignoram. Além disso, os sentimentos que os diversos campos educativos permitem que se expressem e se cultivem normalmente sintonizam mais com a resignação e a tranquilidade e não com a indignação e a rebeldia. (CANDAU, Vera Maria, 1999)

A dinâmica das oficinas se caracteriza pela atividade concreta da construção do saber, onde este não fica restrito, - como acontece na educação

tradicional – a mera contemplação do conhecimento, mas se opera na confrontação das leituras, dos vídeos das outras ferramentas com a vivência, com a experiência dos diferentes sujeitos envolvidos nesse processo. Isto cria nos educandos uma disposição para o debate e para a troca de experiências que leva a uma profunda reflexão sobre as estruturas sociais que dão sentido a sua realidade. A partir disto, nasce as inquietações e o compromisso na busca de uma sociedade mais humana, justa e igualitária.

As oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sóciodramas, a análise de acontecimentos, a leitura e discussão de textos, a realização de vídeo-debates, o trabalho com diferentes expressões da cultura popular, etc, são elementos presentes na dinâmica das oficinas. (CANDAU, Vera Maria, 1999)

A oficina é uma estratégia metodológica a qual achei interessante e sobretudo válida, pois baseia-se no envolvimento do aluno com a aula, posto que essas oficinas são trabalhadas em torno de uma temática que, a rigor, deve se implicar com a realidade social dos alunos, com o seu cotidiano. Isto posto, o aluno desperta mais para a temática, participa mais da aula, facilitando, com isto, a relação teoria e prática. O fato é que ao se perceber enquanto sujeito integrante daquela realidade social trabalhada na temática da aula, o aluno se envolve mais e é exatamente neste ponto da oficina onde o professor cria mecanismos que podem forjar a consciência daquele, estimulando-o a atuar criticamente dentro da sua realidade social, observando o seu entorno. Desta forma os alunos podem, com as ferramentas que lhes foram dadas, exercer sua cidadania no combate ao racismo.

4. RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO: RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

4.1. Apresentação do campo de estágio

Fui acolhido pelos professores, responsáveis pela direção e demais funcionários com uma postura de gentileza por parte deles. A estrutura da escola padece, á olhos vistos, de uma decadência física. Ao chegar à escola deparei-me

com uma realidade um tanto quanto preocupante. O fato é que se percebe a evasão escolar, situação evidenciada pelos professores que me revelaram a falta constante e substancial de alunos naquela instituição.

No que se refere aos alunos, cuja turma era de terceiro ano no turno da noite e somavam vinte e cinco em média, uma parte mostrou-se desestimulada com o futuro educacional, deixando claro que estão ali para concluir o ensino médio e já o fazem a custo, uma vez que a maior parte trabalha e alguns são casados acumulando funções. Algumas mulheres, além de trabalharem ainda têm filhos para criar. Todavia, no geral, a turma gosta de estudar ali e leva a sério as atividades da escola que julgam importante, “apesar dos pesares”.

Os professores, por seu turno, demonstraram, nas conversas que travei com eles, uma postura de completo desencanto e desesperança em relação ao sistema educacional como um todo. Isto se deve, em verdade, à baixa remuneração e as precárias condições de trabalho de que eles tanto padecem, pois falta-lhes até um simples aparelho para passar imagens. Conversei com o professor que de pronto aceitou a proposta da oficina. Conversei com a responsável pela escola que copiosamente aceitou a oficina e até convidou-me a fazê-la mais uma vez. Isto por que admitem a necessidade dela, uma vez que percebem o racismo na escola, o que foi confirmado com minha experiência. Expliquei a eles que a oficina faz parte de um projeto de extensão do estágio supervisionado em História e combinei com o professor os horários, o dia e a forma da ministração da oficina. Uma vez constatada esta demanda, busquei estratégias para discutir com os alunos, na oficina pedagógica que tive a oportunidade de realizar, problemáticas acerca do racismo e do preconceito racial no Brasil.

4.2. Proposta ou planejamento da oficina

A oficina que foi realizada no dia 03 de junho de 2014 na escola estadual monsenhor Emiliano de Cristo, tinha como tema: *O negro e o racismo na sociedade brasileira atual*. O referido tema seria abordado fazendo uma contextualização histórica para se entender a situação do negro em nossa sociedade. A proposta era analisar, junto com a turma, desde o conceito de racismo até as ações afirmativas realizadas pelo governo, como por exemplo, a questão das cotas.

Objetivos

- ❖ Produzir no alunado uma visão crítica acerca da situação do negro na sociedade brasileira atual, observando, a partir de uma análise histórica, a falta de respeito e apoio – políticas públicas por exemplo - a eles após a abolição da escravidão até os dias atuais, bem como o racismo inscrito no interior da sociedade brasileira e a forma como ele foi introjetado no inconsciente coletivo.

- ❖ Elaborar ideias junto com os alunos para tentar combater a prática da discriminação racial.

- ❖ Desconstruir o racismo, mostrando que ele é uma construção imagético discursiva instrumentalizada pelos europeus como forma de dominar e subjugar os povos africanos através das relações de poder e saber, que se deu, no Brasil, em diferentes momentos históricos.

Conteúdos

Questão histórica: Após a abolição da escravidão os negros, em sua maioria, não receberam o devido acolhimento por parte da sociedade daquela época o que até hoje persiste na sociedade brasileira, prejudicando sua incorporação em meio a essa sociedade e prejudicando seu desenvolvimento social ao longo da história.

- ❖ **Conteúdos conceituais:**

Racismo: O racismo é o modo de pensar, em que se dá grande importância à noção da existência de raças humanas distintas e superiores umas das outras, normalmente relacionando características físicas hereditárias ou manifestações culturais. Ou seja, é uma crença segundo a qual as capacidades humanas são determinadas pela raça ou grupo étnico, muitas vezes expressa na forma de uma afirmação de superioridade de uma raça ou grupo sobre os outros. Pode manifestar-se como discriminação, violência ou abuso verbal. O racismo tem como finalidade intencional (ou como resultado) a diminuição ou a anulação dos direitos humanos das pessoas discriminadas. É um mecanismo de poder onde se busca dominar e subjugar os povos discriminados, justificando-se pela sua inferiorização e negação da sua humanidade. Exemplo disto foi o aparecimento do racismo na Europa, no

século XIX, para justificar a superioridade da raça branca sobre as demais raças da humanidade. Diante dos recorrentes casos de racismo no Brasil, convém alertar para um ponto de todo pertinente; a prática do racismo é crime inafiançável, segundo o artigo 5º da constituição federal. Diz a constituição: “- a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei; Art. 5 XLII.”

Discriminação racial: Discriminação Racial significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada na raça, cor, ascendência, origem étnica ou nacional com a finalidade ou o efeito de impedir ou dificultar o reconhecimento e exercício da cidadania, em bases de igualdade aos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou qualquer outra área da vida pública.

Ações afirmativas: são medidas tomadas que visam eliminar discriminações que ocorrem durante a história, objetivam realizar a **igualdade** de povos que foram e são marginalizados e discriminados, em busca de uma sociedade mais justa onde a equidade de direitos entre todas as raças seja instituída por meio de políticas que propiciem uma maior participação destes grupos discriminados na educação, na saúde, no emprego, na aquisição de bens materiais, em redes de proteção social e de reconhecimento cultural.

❖ **Conteúdos procedimentais**

Leitura de textos referente ao tema e análise dos mesmos; análise de vídeo e notícias de jornal; argumentação oral a respeito do que foi estudado.

Conteúdos atitudinais

Visão crítica, contra a discriminação que vem ocorrendo com os negros em nossa sociedade e a reflexão das origens e causas da discriminação no Brasil para, a partir disto, forjar neles a prática da alteridade, do respeito e da revolta em relação ao racismo.

Estratégias

Conhecimento prévio

Verificação do conhecimento prévio dos alunos a partir de questões orais que revelem as opiniões dos alunos baseadas em experiências que os mesmos possam ter presenciado ou vivenciado em relação ao racismo e a partir disto realizar uma discussão argumentativa sobre a discriminação racial na sociedade brasileira.

Exposição de dois vídeos, com reportagens sobre atitudes racistas sofridas por dois jogadores negros, e a partir dos vídeos ouvir experiências dos alunos e realizar uma discussão sobre o tema proposto.

Recursos didáticos

Notebook, Datashow, Cartolinas e Canetas esferográficas.

4.3. Desenvolvimento das Oficinas

Primeiramente foi apresentado aos alunos duas reportagens sobre atitudes racistas em campos de futebol, em seguida ouvi os alunos sobre experiências racistas vividas ou presenciadas. Na oportunidade, levantei as seguintes questões para os alunos: Será que um ser humano já nasce racista ou o racismo é introjetado e construído no inconsciente daquele? Levantei questões sobre quais os interesses de se legar um lugar de inferioridade aos negros e quem teria tais interesses.

A partir deste primeiro procedimento e de textos, discuti com eles sobre o processo histórico da discriminação dos negros - apontando para o fato de que nenhum ser humano nasce racista, mas que o racismo é uma construção. Durante o desenvolvimento do conteúdo convencional/bibliográfico, busquei mostrar os momentos históricos em que a construção do racismo se deu. Também busquei demonstrar a importância dos negros, dos afrodescendentes e sua cultura para a construção do Brasil, pois a disciplina tem recursos para tal.

Além disto, coloquei a questão da criminalização do racismo citando a lei que torna o racismo crime inafiançável, explicando que esta foi uma conquista de movimentos sociais e que representa uma forma de pagar a tal dívida. Falei também sobre as políticas de ações afirmativas que buscam superar esta herança histórica com os mesmos, como as cotas nas universidades. Alguns alunos se posicionaram contra ela, alegando que essa política é uma forma de reafirmar o racismo. Outros se posicionaram a favor alegando ser ela uma forma de corrigir uma dívida histórica para com os negros.

Através destas discussões e leituras os alunos se revelaram críticos em relação ao racismo e o reputaram - pelo que pude traduzir das suas opiniões – “uma desumanidade injustificável”. Eles disseram que é inadmissível, em pleno século XXI, posturas como essas, sobretudo no Brasil que guarda profundas relações

étnicas e culturais com os negros e a África. Isto posto, julgo ter atingido os meus objetivos, a saber, levar os alunos a se posicionarem de forma reflexiva e crítica em relação ao racismo, criar neles um sentimento de revolta em relação àquele e ainda os levar a se posicionarem diante dos negros com uma postura de respeito e alteridade.

O ponto mais alto desta experiência julgo ser o seguinte: quando me pus a perguntar-lhes novamente se eles já haviam presenciado ou vivenciado um caso de racismo, eles prontamente se posicionaram, inclusive duas alunas relataram casos dentro da própria família e atribuíram eles ao baixo nível de escolaridade e a ignorância por parte dos racistas em questão. Houve uma aluna que chegou a dizer que a própria mãe era racista, que não queria que seus filhos se envolvessem com negros e o que me chamou mais a atenção foi o fato de que a sua avó, ou seja, a mãe da sua mãe repassara esse sentimento à filha. Foi aí que eu refleti com a turma o fato de que o racismo é algo construído através dos discursos.

Após os debates, foi sugerido aos alunos confeccionarem cartazes expondo frases que refletissem seus posicionamentos em relação a temática, com a intenção de perceber se os objetivos propostos tinham, pelo menos em parte, sido alcançados. Para a confecção desses cartazes foi distribuído a cada grupo 01 cartolina e algumas canetas esferográficas.

Os alunos foram sobremodo criativos neste intento, construindo imagens e frases concernentes ao combate e à crítica ao racismo, sempre de forma muito lúdica, evocando o caráter repugnante e despropositado do racismo.

Desta maneira procurei atingir meus objetivos levando o alunado a uma reflexão crítica e estimulando-os a combater e reprimir atitudes racistas que venham a ser vividas ou presenciadas, para que possam assim exercer plena e qualificadamente a sua cidadania, posicionando-se enquanto sujeito transformador da sua realidade social no âmbito desse mal social dos nossos dias que atende pelo nome de racismo.

4.4. Avaliação da experiência

Os alunos, pelo que pude notar das suas intervenções, compreenderam o quanto é importante estudar o racismo sob uma perspectiva histórica, para, através dessa análise, elaborar uma concepção crítica acerca dele, - do racismo – e do

preconceito racial. Os alunos ponderaram que é fundamental compreender a importância dos negros na formação cultural, econômica e social do Brasil para tirá-los do lugar de inferioridade que, historicamente, lhes foi destinado até a presente quadra. Eles – os alunos – concluíram ainda que o racismo é uma construção feita por aqueles que pretendiam dominar e subjugar os negros numa clara relação de poder envolvida. Diante disto, alguns alunos reputaram o racismo como absurdo e, na expressão de alguns deles, “não tem razão de ser”.

Merece destaque o fato de que os alunos se mostraram extremamente inquietos com o tema em virtude dos frequentes casos de racismo relatados na mídia e, há que se levar em consideração, pelo fato de que a oficina foi realizada em plena copa do mundo no Brasil – em 2014 -, onde houve um número substancial de racismo nos estádios de futebol, fato que levou a mídia a se mobilizar sobremaneira no combate à essa prática.

Chamou-me a atenção o discurso de um aluno, quando eu provoquei a turma acerca da importância de se estudar o referido tema, onde, neste momento, ele disse que só há uma ferramenta eficaz a operar na desconstrução do racismo e do preconceito racial, qual seja, o conhecimento, a educação, e concluiu que é impossível pensar neste processo sem a História.

Posto que esta oficina foi realizada no ano de copa do mundo, em 2014, - como já mencionado - em que os casos de racismo nos estádios foram mais evidenciados pela mídia, a maioria dos grupos descreveram os casos em que os jogadores foram chamados de macaco, assim eles escreveram macacos, bananas sendo jogadas no campo de futebol, enfim, sempre de forma irônica. Outro grupo descreveu o caso de um rapaz sendo confundido com um bandido e hostilizado pelo simples fato de ser negro. Ao lado disto, construíram frases irônicas e críticas.

O que mais me chamou a atenção nesse processo foi a maneira como os alunos reagiram ao tema. Tão logo o tema foi levantado, eles se mostraram detidos e se inquietaram sobremaneira quando “provoquei-os”. Quando me pus a perguntá-los se eles já haviam presenciado ou vivenciado um caso de racismo, eles prontamente se posicionaram, inclusive duas alunas relataram casos dentro da própria família e atribuíram eles ao baixo nível de escolaridade e a ignorância por parte dos racistas em questão.

Além disto, ressaltai a importância da educação, do ensino das relações étnico raciais para o bom exercício da cidadania. Mas a maior das inquietações foi

quando eu mencionei os casos de racismo nos campos de futebol, onde coloquei, inclusive, um vídeo de um episódio envolvendo um jogador brasileiro – Daniel Alves - em um jogo na Europa. Alguns alunos disseram que os europeus se acham superiores aos negros e foi aí onde eu chamei a atenção deles para a ideologia eurocêntrica de raça superior. Julgo importante destacar, ainda, o posicionamento de uma aluna negra que estava na sala e relatou que foi vítima de racismo e preconceito racial; por ser negra sofreu várias privações, inclusive em relação ao mercado de trabalho. Ela afirmou que foi a uma entrevista de emprego e o entrevistador nem sequer a ouviu, alegando que pessoas como ela não podiam trabalhar lá.

Quando tratei do papel da mídia na corroboração do racismo, eles também se inquietaram muito e quando trouxe à baila o lugar de inferioridade que as novelas da rede Globo de televisão – não só ela -, dão aos negros, eles logo se posicionaram e deixaram claro que a rede Globo, na concepção deles, reforça o preconceito racial, reservando aos negros papéis inferiores. Foi aí onde eu mais uma vez ressalté a importância da educação na desconstrução do preconceito racial, pois quando ela não age na consciência das pessoas a mídia encarna esse papel e constrói no inconsciente coletivo toda sorte de preconceitos.

Em suma, na oficina, procurei mostrar através da História o processo de exclusão do negro da sociedade, evidenciando as contribuições que trouxeram para nossa formação cultural, econômica e social e a sua situação nos dias atuais diante da discriminação histórica que sofrem e dos constantes casos de racismo. Procurei mostrar que essas práticas racistas estão ancoradas em “verdades” constituídas e construídas em diferentes momentos históricos no inconsciente coletivo dos brasileiros por conhecimentos de caráter científico e/ou religioso que destinam um lugar de não-humanidade ou quase humanidade para os não brancos, por isso tem um caráter ideológico onde se idealiza o negro como sendo inferior sob todos os aspectos em relação ao branco. Mediante o exposto, aponte a importância de se desconstruir o racismo no meio social em que eles estão inseridos e a importância central do estudo da História e relações étnico-raciais para tal fim.

Finalizei relatando sobre as ações feitas para combater o racismo, tornando-o crime inafiançável, além das ações afirmativas que procuram corrigir esse erro recolocando o negro no lugar social de dignidade que lhe cabe, com

direitos iguais, acesso aos bens culturais e materiais e o direito ao exercício pleno da cidadania.

Dessa maneira procurei atingir meus objetivos levando o alunado a uma reflexão crítica e estimulando-os a combater e reprimir atitudes racistas que venham a ser vividas ou presenciadas, para que possam assim exercer plena e qualificadamente a sua cidadania, posicionando-se enquanto sujeito transformador da sua realidade social no âmbito desse mal social dos nossos dias que atende pelo nome de racismo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O supracitado estágio foi para mim uma experiência exitosa e enriquecedora, pois à medida em que discutia e problematizava com os alunos experiências vividas por eles acerca do racismo, pude compreender uma face dele – do racismo – que até então eu só conhecia a partir de referências teóricas. Deparei-me, nesse estágio, com o lado mais cruel e difícil do racismo que é o sujeito ser preterido da oportunidade de emprego por causa da cor da sua pele.

Este caso foi vivido e relatado por uma aluna no estágio. Fico a imaginar a dor que ela sentiu e que carrega consigo até hoje. A propósito, eu perguntei a ela como ela se sentia hoje, se já superara tamanha agressão ao que ela se confessou ainda traumatizada, guardando marcas profundas daquele momento de sua vida, evidenciando os danos psicológicos causados pelo racismo, como se não bastassem os danos sociais.

Além disto, outros casos de racismo relatados por alguns alunos dentro das suas próprias famílias me tocaram. Isto só evidencia e corrobora com o fato de que essa temática é de fundamental importância no momento histórico atual, em que se percebe que o racismo está longe de ser extirpado do inconsciente coletivo e a educação é um instrumento eficaz para a realização de tal empresa.

Os alunos foram sumamente participativos nesse estágio, revelando um grande interesse e intimidade com a temática proposta. Isto foi evidenciado nos cartazes que produziram e na forma insistente e copiosa com que relatavam suas experiências e suas opiniões acerca do referido racismo. Tal postura por parte dos alunos só ratifica o fato de que essa modalidade de estágio, qual seja, oficinas pedagógicas é muito eficaz no sentido de que aproxima o aluno do tema - uma vez que as oficinas têm como característica trabalhar temáticas que versem sobre o cotidiano dos alunos – e, com isto, instiga, estimula os alunos a se envolverem mais com o estágio facilitando assim a relação teoria e prática.

Diante de todo o exposto, saí desse trabalho, na qualidade de futuro professor, por um lado com a sensação de dever cumprido, pois tratei essa temática dando-lhe a relevância merecida. Por outro saí com a sensação do quão alto é o desafio, a responsabilidade e a necessidade de se trabalhar essa temática em sala de aula. Saio também com a certeza de que aprendi muito com os alunos, de que

não basta teorias; elas são importantes, mas é na experiência do cotidiano dos alunos que podemos aprender mais e assim formular estratégias para desconstruir o racismo e o preconceito racial histórico arraigado no inconsciente coletivo de muitos brasileiros.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”. (Nelson Mandela)

6. REFERENCIAS

BENJAMIN, Roberto. **A África está em nós**. João Pessoa: Grafest, 2004.

CANDAU, Vera Maria. **Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos**. Novameria/PUC-Rio – 1999

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988.

Disponível em http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/con1988_05.10.1988/con1988.pdf.

SILVA, Lúcia Helena oliveira. Por uma história e cultura afro-brasileira e africana. IN: CERRI, Luís Fernando (Org.). **Ensino de história e educação: olhares em convergência**. Ponta Grossa: UEPB, 2007.

VISENTINI, Paulo Fagundes, RIBEIRO, Luís Dario Teixeira e PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **História da África e dos Africanos**. Petrópolis: Vozes, 2013.